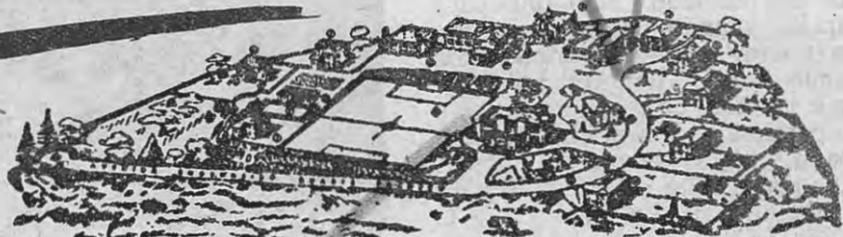




O Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO IX ~ N.º 234 ~ PREÇO 1200

Agora

Escolhemos hoje este lugar de fundo, porquanto a procissão que vai passar é como nunca. O guião vai na mão de uma viúva do Porto. Ora leiam: *eu que não tenho casa e vivo num catre sem condições humanas, mando aqui 20\$ para servir outros mais desgraçados.* Atrás deste guião vai a Província de Moçambique com 4 casas dos Funcionários da Administração Civil de Manica e Sofala e uma delas da População de Mutarara e ainda uma outra de Tete. Ninguém fica em casa. Tudo enfileira. Homens, mulheres, crianças — vai tudo aqui. Não se arredem. Vem lá mais. É o Corpo da Guarda Fiscal da mesma Província com outra casa. Hoje são enchentes que dão os anéis e os dedos! A um cantinho vai uma família que nos visitou e pediu licença para oferecer *uma casinha para um pobre.* Ela, a Mãe, apresenta o cheque com modéstia e piedade. Aopé, o Pai, olha, desvanecido. Digo mãe e pai por me parecer que de facto o eram de dois mancebos, testemunhas de vista. Uma família cristã. A oferta deve ter sido falada e saboreada em casa; discutida não. Castanheira de Pera apresenta uma telha de 100\$. O Porto leva 50\$, *eu também sou pobre.* Sim. A sua migalha de 22 chegou bem. A Maria do Estoril com uma pancada de 4.917\$ de hoje, terminou os doze contos e vai na procissão. Ao lado alguém leva 30\$. A par, é um senhor do Secretariado da Defesa Nacional com 500\$00.

Os senhores sentem-se na relva, se cansados, poquanto isto hoje demora. É muita gente. Reparem no José de Castelo da Maia com 30\$. E aquele de Tabuado com 50\$. A Murtosa torna com 30\$. Lisboa vem lá com 50\$. A Margarida de Castelo Branco leva 200\$ num cestinho de prata, pois se o dinheiro é do meu primeiro ordenado! Coimbra também fala com metade. Um parafuso de 20\$. Sim senhor, há muito que não tínhamos deles. O Porto, logo atrás, vai com uma telha de 25\$. Disto é que há muito. Cá vai outra de 30\$. Mais uma de Alcobaça, 100\$. Ao pé figura um barrote de metade. Porto outra vez com 20\$. Figueira com 30\$. Lisboa sobe mais alto e leva 800\$. Outra vez uma telha de 30\$.

Ora agora tudo de pé e largueza. Deixem passar e façam continência. São os Oficiais e Alunos da Escola de Sargentos de Águeda com 12 contos.

Continuem em posição de sentido. Quem não quer trabalhos não se meta nestes apertos. É o Batalhão de Metralhadoras n.º 3 do Porto.



Eis uma casa. Eis uma, das três que se encontram à beira da estrada Nacional, nas «Alminhas» de Galegos. Mãe e filho dizem que sim. Outras estão subindo no mesmo sítio. Vamos prás mil.

«Alguém, aqui, falou do Património dos Pobres, lançou a ideia. E pronto, puzemo-nos todos a descontar, há muitos meses, as migalhas por mês porque os dinheiros, na tropa, não abundam.

O nosso General, ao saber da iniciativa, associou-se logo, enviando a sua cota com ordem para se inscrever como Capitão Manuel (era assim conhecido enquanto pertenceu a esta Unidade).

Queríamos ir levar-lhe as migalhas somadas; talvez cubra um pobre.

Como o desejamos conhecer agradecíamos que nos esperasse no próximo dia 7 de Fevereiro às 15 horas. Vamos todos para que os olhos vejam e o coração sinta de mais perto a obra.

O Comandante.

Carlos José Moreira
Ten. Cor. de Inf.ª

Ainda que outros não viessem, que não, digo, estas duas Corporações já fazem tremer a alma da gente! É a guerra.. à Cortelha. O General da Divisão quis descer e vai como simples Capitão Manuel, sem constelações, confundido, desarmado, mãos no coração. É a guerra.. à Miséria. Prélhos de Amor!

Outros. Que venham mais. Patentes, Divisas, Soldados — e Ministros também.

EM DISTRIBUIÇÃO

«O BARREDO»

Pedidos à Editora

Tipografia de «O Gaiato»

PAÇO DE SOUSA



Crónicas de África

Nós era para irmos amanhã no avião, mas resolvemos seguir de comboio hoje à noite. O preço é o mesmo; qualquer das vias custava 6 libras. Libras de papel. Eu sou do tempo em que era tudo às avessas. Ao receber no fim do mês, pedia ao Caixa que me desse ao menos 5 delas em papel e ele não as tinha! Com os meus colegas era da mesma sorte. Corria o oiro. Hoje não. De onde facilmente concluímos que ter ou não ter não é o mesmo que ser ou não ser; e isto é que vale.

Resolvemos partir hoje à noite. De resto, Joanesburgo estava visto. Além disso, o frio era intenso. Tanto, que no jardim zoológico, aonde o Júlio morria se não fosse, pouco vimos. Os animais estavam recolhidos. Mui poucos se mostravam. Que ele há poucos e ninguém diria, pois ali é África. Talvez seja por causa do Parque. O Parque Nacional das Reservas, que fica ali perto e aonde as feras recebem em sua casa. E' hoje um lugar escolhido. Não falta ali nada. Os melhores hotéis. O máximo conforto e as grandes horas de emoção! Mandamos vir um táxi, aonde tomamos lugar direitos à estação. Passava das sete. Era noite. Júlio ia apontando lugares escuros, aonde estão grupos de pretos mal encarados e de cacetes na mão... Os diários costumam falar de buscas e de vinganças e de gente que pede a morte. E' o ódio!

O táxi pára. O recinto da estação, que já nasceu grande, é hoje um pequeno mundo e pretende ser maior; andam ali obras. Cruzam-se por dia cerca de 800 comboios. Enquanto esperávamos o nosso, vi passar um rôr deles por diversas linhas e em várias direcções. As carruagens são consoante as castas e as cores; e que ninguém se atreva a passar o risco...! Daqui nasce aquele mal encarado que se esconde e assalta e mata e morrel

Aí vem o nosso. Foi nos indicado por dois moços portugueses, residentes na cidade, que ali nos procuraram para dizer adeus. Tomamos a carruagem; a dos europeus. O comboio põe-se em marcha. Daí a nada era Pretória. Entre as duas cidades, é uma bicha de comboios quase interminável. Júlio dá em dizer que tem fome e eu também. Tínhamos comido ao meio-dia e as horas iam sendo altas. Havia um restaurante e eu pergunto a um criado se eram horas. Que sim e desata a pôr a mesa. A minha frente senta-se um homem tiszado. E' um fazendeiro, que tinha vindo à cidade colocar os seus produtos. Dele ouvi e aprendi. O criado tinha disposto as coisas sobre a mesa. Lá estavam os molhos

do estilo, guardanapos que eram lençóis, sal mai-la pimenta. Lista não. Era um prato único. Da cozinha, ali perto, chegava-nos o cheiro aliciante de alguma coisa muito boa. Se já antes, ora mais apetite. Aí vem um homem alto, fardado. Corta dois bilhetes de papel amarelado, coloca-os sobre a mesa e pede-me oito shillings. Eu respondi que não e disse que desejávamos comer, mas era. O homem, por sua vez, informa que sim senhor. Podíamos comer, mas tínhamos de pagar adiantado! De entre as grandes coisas que eu vi na África do Sul, esta foi seguramente a maior de todas! O meu companheiro de mesa é um Sul Africano. Disse-lhe do meu espanto. Ele também não acha bem mas, como bom cidadão, não pode dizer mal dos seus. Desculpa-se e desculpa-os. Que aquilo procede da última guerra, quando se deu por uma grande desorganização nos serviços alimentares. A este tempo, já eu tinha dado o dinheirinho e Júlio, todo contente, atacava. Não se podia variar. Não se podia repetir. Era aquilo e mais nada; um prato de fígado com cebola frita, fatias de toucinho e batatas cozidas e molho a condizer. Era um prato grande, saboroso e quente. Pão, tal como nos hotéis, é torrado e vem em grelhas de metal. Júlio come e lambe e fica-se a olhar para mim... Eu compreendi tudo e disse-lhe que naquele lugar e àquela hora, a sobrepressa costuma ser ir para a cama! O fazendeiro tinha fumado ali meia dúzia de cigarros e não ficaria naquela conta. A palavra não me puxou tabaco mas sim cerveja. Mando vir dela e a cena repetiu-se; primeiro pagar depois beber!

Era tarde quando nos recolhemos e tarde, ainda, quando viemos a adormecer; o comboio trepida. Na madrugada, entra um criado com duas chávenas de café que ninguém lhe pediu, nenhum de nós tomou, mas é costume deles. Além de ter perturbado o sono da manhã, leva-nos, por cima, o preço das duas chávenas. Lavamos a cara. Vestimos a roupa. Baixamos as camas. Já não é mais casa de dormir; é de estar. Há uma mesinha ao centro das janelas. Faço dela apoio, e debruço-me sobre a manhã. Quando às nossas aldeias, chegam pela primeira vez rapazes da rua, é frequente ouvi-los: *Aí tanta coisa que a gente vê!* Eu não sei dizer melhor, só tempo e lugar é que não.

PROPAGAI

«O Gaiato»

Património dos Pobres

«Ando apavorado com a situação de tantas famílias desta paróquia de Azambuja onde Nosso Senhor me colocou. Não têm casa própria; quando casam ou se juntam juntam-se à família donde saem e onde ficam. E assim há famílias e famílias na mesma casa sem compartimentos, sem higiene, sem espaço vital. Daí a promiscuidade, a doença, a falta de estímulo para o trabalho e para a vida.

Não há casas, não há onde as construir, falta dinheiro para comprar terrenos e levantar habitações. Que fazer? Vamos agora à procura de terrenos dados ou vendidos por qualquer forma, temos de caminhar e construir. Mas onde conseguir dinheiro?

Esta vila, rodeada de magníficos campos de Azambuja 90% dos quais estão em mãos de pessoas que vivem longe deste concelho, é pobre, extremamente pobre.

Mas nós queremos levar por diante a tarefa de construir casas e mais não temos além da boa vontade.

Que me diz a este caso aflitivo! Eu até ia a pedir-lhe que me dê também dinheiro para o *Património dos Pobres*. Todos trabalhamos pelo Reino de Deus. Se me desse algumas casas haveria o estímulo e talvez conseguísse acordar as consciências e ter quem me auxiliasse depois. Por qualquer forma eu espero em Deus que os Pobres em Azambuja não hão-de continuar ao abandono.

Consegui já que onde havia barracas de caniços estas quase desaparecessem e lá se fizeram embora de matérias pobres algumas casas (talvez mais de uma dúzia) e ainda restam 4 de caniços e latas. Mas os que vivem amontoados na mesma casa ainda não tiveram nenhum progresso.

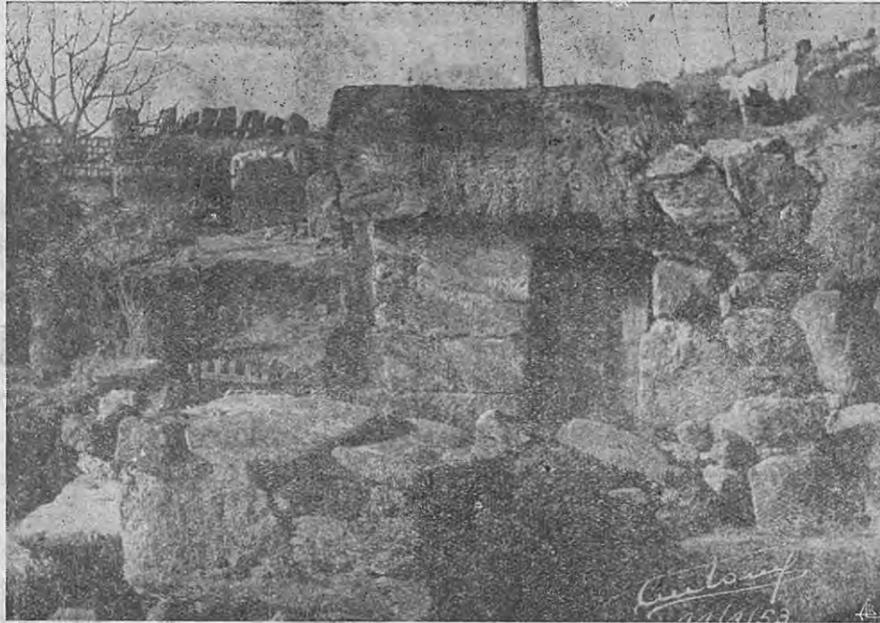
Venho pedir que me ajude. Todos pedimos. Ai de nós no dia em que deixássemos de pedir. Os nossos braços a pedir para os pobres são pára-raios que defendem ainda a sociedade apodrecida.»

Se esta carta não fosse um simples apelo de Padre a Padre, seria o maior libelo acusatório dos nossos dias! Quem tiver inteligência que compreenda...! E vamos-nos lançar naquela urgência.

Sendo ambas cheias de zelo e de ver-jad-, esta, de Águeda, é mais branda.

«Desculpe o «caríssimo», mas a gente não tem culpa de dizer o que o coração sente.

Recebo as duas cartas e devol-



«As vezes é num amontoado de tábuas. Outras num caniçado. Aqui são pedras soltas. A tudo se chamava uma casa. Hoje não senhor. Muitos começam a ver o que antes não viam...»

vo uma, como pe lia.

Não calcula a minha satisfação ao receber esta carta!

Trazia cá um sonho na alma desde que V. falou em Fátima.

Mas como começar? Ando um pouco aflito com a «Sopa dos Pobres», onde se distribuem umas oitenta sopas diárias e o respectivo pão. As vezes vejo-me aflito para conseguir os 2.500\$00 mensais, que tal é a despesa, aproximadamente.

Não há residência em Águeda e a casa onde estamos é manifestamente inadapta para o fim a que se destina...

Tenho em projecto um salão paroquial, com salas anexas para a catequese, biblioteca paroquial, refeitório para a «Sopa dos Pobres» e sala de trabalho para as criadas.

Com tudo isto à minha frente e sem nem um tostão, como havia eu de me meter em mais coisas?!

Deus resolveu por onde se devia começar; e escolheu para isso uma pessoa que, embora com fundo cristão verdadeiro, não é praticante. Mais uma lição para os católicos.

É pois pelas casas dos pobres que se vai começar, se bem que foi a última ideia a surgir. Os últimos são os primeiros. A freguesia de Águeda oferecerá a segunda casa; está dito. Deus abençoará assim as restantes obras em projecto, sobre as quais tenho grande necessidade de falar com V. para lhe pedir a opinião e o conselho experimentado.

Já sei que no próximo Junho, temos pobres da vila instalados no que é seu.



Algumas das que entregamos no primeiro dia deste ano. São à beira da estrada, na freguesia de Cabeça Santa. Outras estão ali subindo.



A crónica d'hoje começa por Coimbra. Foi na estação velha. Eu esperava ali o comboio de Lisboa das dezasseis e quê. Pouca gente. Quando tal, aparece dos lados de S. João do Campo um mendigo, apoiado sobre duas muletas, pés de rastos, andrajoso, mal feito, quase repugnante. Atravessa as duas vias sem se servir da passadeira. Volta sobre os carris, vence as duas linhas e vai sentar-se no chão, junto da sala de espera, muletas arrumadas e pernas estendidas. Os funcionários da estação não reparam, talvez por ser ali conhecido. Eu continuo fazendo horas, enquanto passo as contas do meu rosário. Considero a figura do mendigo, se teria nascido assim, qual a família que tem, onde mora e outras ideias que nos atormentam, quando a sorte dos homens é o nosso pensamento. Ele levanta-se, apoia-se e segue, rastejando e disforme. Eu olho e medito: como é possível ver a gente ali a identificação de Jesus Nosso Senhor - como? Quedei. O homem atravessa de novo a linha. Passa rentinho a mim e sem nada dizer, olha-me e salva enquanto segue. Sem deixar de ser o mesmo, pareceu-me outro. O repugnante transfigura-se! A sua expressão bela e sorridente tomou conta do meu ser. Fico a olhar o aleijado no cascalho da via com outros olhos, outra inteligência, noutra luz. *Dominus est.* E' o Senhor! Poesia? Não. Catecismo.

Era noitinha quando o comboio entra nas agulhas de S. Bento. Aproveito e dirijo-me a certa ilha, aonde sei de uma cancerosa que andava ao papel e agora não senhor. Recebe o suficiente para suportar com decência o seu grande mal. Ela está no leito. Sentome ao pé. Um gato dorme no quente dos cobertores. A ilha é muito populosa. Não conhecem o seu dono. *Quem aqui manda é um advogado*, informa. Tinha chovido. Há lama e poças d'água. *Tenha cuidado ao sair.*

Conversamos. A doente estava com o *caldinho da manha*, mas agora passa melhor. *Gasto muito em remédios*. Quer abrir a farmácia. Deseja mostrar-me as feridas. Explica como umas fecham e outras abrem. De que mais havíamos nós de falar, quando o assunto é tamanho e tão presente e avassalador?! Eram horas. Ela tinha uma grande lição de teologia para me dar, a qual devolvo aqui aos nossos leitores. *Aqui sêzinha sem cura e por abandonada eu sei que Deus me há-de fazer o que eu fiz à minha mãe*. Na extrema penúria do recinto, pendia um retrato; era a sua mãe! Todos quantos socorrem esta cancerosa, são cooperadores de Cristo na Sua promessa. A doente, não espera em vão. Nós não trabalhamos em vão. Fora, água estagnada, lama, escuridão. *Acautele-se*. Que importa? São elementos terrenos. A fé é luz!

Naquela noite não, mas no dia seguinte, após a missa nos Congregados, desço ao Barredo. Piso pela primeira vez o rasgo do velho Corpo da Guarda, aonde vai ser uma avenida nova. Muita gente, àquela hora. Um funcionário limpo e modesto, deposita cinco escudos nas minhas mãos. Era aquilo e pouco mais teria, — se tinha. Viase na sua alma um gosto e uma pena; dar tão pouco!

E por remate, da notícia chamamos as vistas dos leitores para o grupo de três casas, ora ocupadas por quem nunca teve; e também esta sorte de casebre, onde habitam mãe e três filhos.

Interessante saber-se que ela mora na *Curruleira*, Lisboa, numa barraca que foi abaixo. O seu marido ficou por lá e ela regressou. Não está muito longe de morar em uma das formosas casas do *Património*.

Ana de Jesus

Perguntei e era. Sou Ana de Jesus. É nos arredores da cidade do Porto. A cartinha que me dava informações dela, foi a estrela... O Morris andou e fomos lá ter. Sentada sobre uma pedra a lembrar não sei quê, a senhora Ana de Jesus é uma quase fidalga, tais linhas e tais maneiras! Ao pé, são casebres. Mulheres sujas e enrodilhadas, fazem solheiro. Um homem ajusta uma banca da *Vitelhiuha*. Feirantis.

A senhora Ana convida-me e eu entrei na sua morada. É uma corte aonde estavam animais e hoje é ela. Há uma caixa pousada na terra com um pino por cima. Um *logareiro* sobre um caixote. *Lisça* e barro vermelho. Há uma cadeira aonde me sento, que ela limpa com um pano, enquanto me vai informando isto aqui é tudo miséria. A meio da corte há uma cortina feita de serapilheira de sacos. Ela afasta e explica aqui é o meu aido. Não é cama. Não é enxerga. É um monte de palha com pedras por moldura. Um *quadril*! Aqui é o meu a'dinho, torna a dizer. Ali dorme com dois netos. Só se queixa dos ossos: acordo moita.

Estava em jejum, e era dia oito. Uma tijela de caldo que lhe tinham dado, fora para seu neto; olhe, comeu tudo.

A senhora Ana de Jesus tem um problema todas as semanas; ao domingo deve entregar cinco escudos ao senhorio. Tenho vergonha de ficar a dever. Ela paga 20\$00 de renda.

Eram horas. Tinha mais outros números no programa daquele dia. Vou-me despedir. A senhora Ana começa a contar dinheiro. Chega ao meio e enganou-se. Torna mas não acaba. De novo embrulha e murmura: dá pata meio quilinho de braço. E sai porta fora a que dera tudo ao neto, esquecendo-se de si mesma. Mas o nosso Bom Deus lembrou-se. Ela foi comprar pão.

Este quadro de palha solta e pedras por moldura, que faz doer os ossos a quem ali se deita, deu-me ocasião a dirigir esta carta ao senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal do Porto:

«Agora que estamos sem Presidente, parece-me boa a hora de fazer um pedido a V. Ex.ª, Senhor Vice Presidente.

Nós desejamos um bocadinho de terreno, em sítio adequado, aonde possamos implantar uma dúzia de moradias para pobres, segundo o plano e doutrina da obra do *Património dos Pobres* de que enviamos, em separado, um exemplar.

Jamais ali caiu documento tão irmão! Se fomos atendidos, a senhora Ana de Jesus é a primeira.

Isto é a Casa do Gaiato



TRIBUNA
DE COIMBRA

*** Chegou ontem uma lata de rebuçados, por encomenda postal. A lata vinha embrulhada. Por fora nada dizia, mas isso não impediu que, momentos depois, a aldeia não andasse a ferver, tal a acuidade desta gente minhã!

A encomenda veio direitinha ao meu escritório, onde outras eram. Eu sabia da febre, mas não falava. Manuel do Embrulho não se seguiu e declara-me olhe ali rebuçados. Resolvi dá-los ó *Sejaquim* e logo correu voz de que a lata ia ser para a doutrina do *Sejaquim*. Antes de continuar, convém dar uma explicação aos meus queridos leitores porquanto, em um dos últimos números, o crónista de Paço de Sousa, pedia livros e brinquedos *prá doutrina do Sejaquim que anda muito fanada*. Ora entenda-se. O *Sejaquim* ensina catecismo. *Fanada* anda a organização. Sim. Digo bem. O cego Andrade (*Sejaquim*) mantém um curso de 2 horas por dia com classes e idades e leituras e brinquedos e música e tudo. Ali os chefes e os vigilantes e os mestres, são todos por eleição da malta. O Geral (Cândido Pereira) foi eleito este ano por maioria esmagadora. Os rebuçados foram entregues à Organização.

*** Papagaio, chegado da venda, pede-me que ponha no jornal uma coisa; são os homens dos eléctricos que nos correm pela porta fora. Estes rapazes queixam-se com simplicidade e sem azedume. Por terem aqui tudo que lhes é dado, estranham naturalmente que a outra metade do mundo os trate de outra maneira: *ponha no jornal!*

Papagaio foi a Viana com o Henrique. Este conta aonde, como e o que tinham comido. Aquele não se calou e disse: *eu foi cabaça. Comi cabaça. Apuradas as coisas, vim a saber que a cabaça tinha sido ananaz.*

*** O Tino foi ao Porto fazer os seus 16 anos. Eu não queria; preferia que o rapaz os tivesse feito aqui. Mas deixei. São umas senhoras aonde ele costuma ir comer. Senhoras que eu não conheço, mas a aragem me basta. Contudo, não o deixei ir

Vem a Sé. Vem a Câmara. Desapareço. Ao acabar a volta e já a caminho de casa, uma peixeira larga a sua praça, toca-me no braço e arrasta-me. *E' ali já. Venha comigo.* E' um homem que foi do rio. Anda nos 36. Acendeu-se um candeeiro, para lhe ver a cara. Uma sua irmã, serve-lhe café. Paga 7\$50 por dia do cubículo aonde morre aos bocados...! A mulher fugiu-lhe; é o Barredo! Hoje tem os vizinhos. Tem esta peixeira, que deixa o seu negócio na praça e vem comigo braço dado, tratar d'este. Também ela me vai dar uma lição de teologia, a qual transmito aqui aos meus leitores. Tomara eu que todos se impressionem tanto como eu me impressiono, quando oiço estes mestres. Passados que foram uns minutos e ela ao pé da cama, eu digo: *ó mulher, vá se embora. Olhe a sua canastra. Não tenha medo. Deixei lá quem tome conta. Deus!* Lições altas, que vão direitas à inteligência. Elas são luz que vem da Luz. O farrapão de Coimbra! A cancerosa da ilha! A peixeira do Barredo!

E nós queremos ver coisas grandes, fazer coisas grandes, ser grandes!

sem primeiro me afirmar que eu roubo o seu maior amigo. Quis ouvir da sua boca; e ao depois, foi. Chegou à tardinha com duas camisas novas e outros mimos. Pediu-me e eu disse que sim: *podes guardar no teu armário.* Tudo muito bem e muito certo, sim;—mas eu sou o seu maior amigo. Que as senhoras o saibam e me não queiram mal por isso.

*** Iam sendo horas e eu resolvi ir até ao Lar de S. João da Madeira, ver e almoçar com os rapazes. É preciso. De vez em quando apareço. Como o Albertino houvesse de ir ao Porto aviar recados, acontece que o convidei, ele aceita e toma lugar no Morris. Acontece que, uma vez no Porto e porque somente às 4 horas da tarde o atenderiam, tornei a convidar o Tino e ele aceita e segue mais eu Carlos guiava. Chegamos à hora. Estavam todos, muitos de ganga. Albertino vai à caixa do carro e tira uma grande caixa de papelão. Abre na presença de todos. Eram pombas! Foi assim: Fernando o Preta, tem e dedica-se aos pombos correios. Soube que Tino ia ao Porto, vai ao pombal, dá-lhe algumas com a incumbência de as largar no Porto. Tino, sabendo que seguia para a nossa casa, vai e larga-as ali, na presença de todos. Fu não sabia de nada, e mais dizem que eu sou o senhor director!

Ora tudo isto seria impossível numa casa de educação geométrica. O Fernando é um oficial da tipografia, cheio de responsabilidades, e contudo, larga o serviço e vai caçar pombas, e anda impaciente enquanto elas não regressam. Isto é uma perda. É contra a economia. Nenhuma organização aceitará esta espantosa desordem.

Mas nós somos uma coisa diferente. Agora mesmo venho das oficinas de encadernação, aonde dei com estes mesmos de quem falo, ocupados com os seus trabalhos e ao mesmo tempo a mastigar. Quis saber. Era pão. Um deles tinha ido ao armário por ele, e todos estavam rihando. Mais desordem. Só entre nós isto seria possível.

*** O Joaquim Bonifácio foi a Tomar ver a sua mãe. Ele é de Tomar. Levou dinheiro e recado de ficar em sua casa, se a mãe tivesse comodos; senão iria para uma família, que ao tempo lhe indiquei. Foi hospede de estranhos por a mãe não ter que lhe dar! Fazemos todos pausa e medite-se nas desproporções. São elas que roubam a beleza ao todo social.

Bonifácio, ao chegar a casa, era uma explosão. Braços, mãos, olhos, boca,—tudo falava. Pergunta se eu sei o que é champagne, para me dizer que tinha bebido. *É um vinho que bufa,* explica. O que comeu, como era servido, aonde dormiu, o que lhe disseram—tudo fiquei sabendo. E a mãe do Bonifácio, n'queles dias, também foi hospede da família. Mas o espanto do Bonifácio estava guardado para a viagem de regresso. Foi no Rápido. Mais olhos, mais braços, mais expressões: *aquilo é que era!* Entusiasmado com tudo quanto vira e ouvira, Bonifácio não se lembra que possivelmente eu também conhecesse, e dá por novidade aquilo que para ele o era. *Andavam homens a chamar a gente pra comer.* As minhas objeções, ele afirma. Que é comida quente feita no combóio e que os senhores comem nos pratos, com garfos e colheres. E mais e mais e mais.

Atenção a Coimbra:—Os rapazes do Lar foram ao Sr. Presidente da Câmara de Coimbra pedir terreno para construir Casas para Pobres naquela cidade. O Sr. Presidente recebeu-os de braços abertos e pôs ao nosso dispor todos os terrenos livres do Município.

Escolhemos para seis casas, no Alto da Conchada, onde o sol aparece de manhã e só se esconde à noite. Na frente está marcada uma avenida. Ao lado, num casarão da Misericórdia, vive muita gente sem luz, sem ar, sem espaço, sem vida. Tudo está preparado e tudo a convidar-nos à obra. Resta só começar.

O Sr. P.^o Américo quando soube,

Bonifácio trabalhava no Porto e ora não é hoje um dos da administração do jornal. É do Avelino. Bonifácio foi dado por doente, segundo o nosso médico assistente do Lar do Porto. Que necessitava de alguns meses de repouso... E por isso não o deixou regressar. Trabalha aqui em casa, aonde trabalhar é repouso. Bonifácio não tem horas. Quando lhe apetece vai ao armário.. Pão e leite é sem medida. Nós somos uma coisa diferente.



*** Andamos há muito tempo à procura de saber quem é e porque se encontra na Casa de Paço de Sousa, esta adorável Criança. É da classe dos *bitatas*. Perguntado, lembra-se que andava a pedir nas ruas do Porto, mas não sabe o nome delas. A cantilena era assim: *minha senhora; ó minha senhora; dê-me um bocadinho de pão pelas alminhas.* Disse-nos aqui que se chama António, mas ao certo não sabemos. Andamos a indagar. Ele não sabe se tem pai. Da sua mãe também não sabe. *Eram umas senhoras;* e não vão mais longe as informações do Miúdo.

Ora proclamar os Direitos da Criança, e não lhos conceder, é falta.

*** Agora cá por casa não se dá volta com cães. Ele é o cão dos do campo. Ele o *Marão*, que já tínhamos. Ele três de raça, que vieram e estes são o cartaz do dia. Tive de fazer um grande sermão para lhes salvar a vida, por causa das festas e dos carinhos: *olhar sim, pegar não.* Pronto.

Agora, por cães, era ocasião de os amigos mais amigos deles, me darem uma casinha para os Pobres. Não por estes, já se vê; quem dá a vida por um cão não a dá por um irmão. Mas é que nós, muitas vezes, tirando da Barraca a família, o cão também. E é justamente aqui aonde eu pretendo chegar.

não escondeu a emoção de alegria e ergueu as mãos e estimulou-se a seguir e prometeu ajudar-me. *Dou-te melade para cinco; o resto arranja-o tu.*

A alegria do Sr. P.^o Américo e a nossa tem muitas razões de ser: primeiro a alegria de abrigar os desabrigados; depois a recompensa eterna; depois ser em Coimbra. Foi aqui que o Sr. P.^o Américo subiu ao Altar e jurou o que é hoje a Obra da Rua. E por isso, é a Coimbra que pertence a dianteira no engrandecimento do Património dos Pobres, embora até agora, tenha andado um nadinha atrás. E eu por ver este atraso, ando um tanto desanimado. Ando afeito a Casas para Pobres nas vilas e aldeias, mas nas cidades, não. Tenho medo. Não sei como é. Há formalidades que ignoro; exigências que não atino; o custo de cada casa e mais do dobro. Por isto tudo, tenho medo.

Dou hoje aqui o lamiré. As casas em Coimbra serão o que vós quiserdes. Para já vou aventurar-me a duas. Não espero avalanche, mas um movimento ordenado. Apareçam fochos de luz nos jornais locais, nas reuniões, nas famílias.

De hoje em diante não escuto conversa alguma acerca do Património sem que venha a mão direita com alguma coisa para tal fim; de contrário, viro as costas e nem adeus digo.

PADRE HORACIO

“Noticias”

Este diário de Lourenço Marques, que não é, fez de jornal católico durante a nossa estada naquela cidade, e chamava a população à causa da Igreja. Todos os credos. Todas as classes. Todas as cores. Chamou os bons e os maus. Parece que ele, o jornal, sabe ou alguém lho disse, que o Pai Celeste faz chover no campo dos justos e dos pecadores!

Chamou e foi atendido. Na véspera de me vir embora, o seu director, Capt. Vaz, fez entrega de 242 contos sem, contudo, encerrar. No dia seguinte, já era de 60 contos o montante da subscrição—rebentos! Os dias andaram, *Noticias* continua a chamar. Mais rebentos; e a 13 de Janeiro deste ano em que estamos, o jornal deposita no Banco Ultramarino a quantia de mais 134 deles.

Diário de Moçambique, da Beira, é outro que tal, só que, ao contrário do primeiro, este é o jornal da Diocese. No dia em que ali chegamos, já ele trazia a chama nas suas colunas! Continuou durante a nossa estada. Não se calou na ausência. Resultado? Cento e setenta deles!

O que sobremaneira interessa hoje é saber de uma Circular do Intendente da Beira, a todos os Directores da Administração Civil de Manica e Sofala. É datada de 2 de Setembro do ano passado. Que dizes! Que sentimentos! Oh Pátria amada! São nomes cheios de história e de sangue portugueses. Mossuriz, Barué, Chemba, Sena, Mutarara, Manica, Maravia, Cheringoma, Macanga, Chindio, Gorongosa, Angónia, Tete, Sofala, Zumbo, Marroneu. Daqui os 87 contos, antes publicados.



José Ferreira da Costa, de 12 anos de idade, foi chamado pelos anjos no dia 31 de Janeiro. Mais uma luz acesa!



Aqui, LISBOA!

Não queria deixar adiantar o ano sem apresentar aos nossos amigos, o resumo das actividades do ano findo. Lisboa confiou-nos uma centena de rapazes e um is centenas de contos; o Senhor Cardeal pôs à disposição uma grande quinta e um palácio; o Estado, pelo Ministério das Obras Públicas e pelo Socorro Social confiou nos também alguns milhares de contos. Queríamos, porém, todos viessem verificar, pelos próprios olhos, se somos ou não merecedores da confiança que em a todos tem depositado. Nós temos a porta aberta para quem quiser observar.

Alguns têm vindo com pedras e mão, mas satram a bater no peito; possivelmente com outros terá sucedido o contrário: não somos infalíveis nem perfectos.

Se alguém não está satisfeito, somos nós. Queríamos mais e melhor. Oficinas, balneário, ginásio, hospital, tudo em edificios próprios, são aspirações que têm de manter-se, Deus sabe até quando, no reino dos atingíveis.

Contudo, ao lembrar o relatório de 1951 onde ficou o plano do ano seguinte, não podemos deixar de agradecer à Providência, o ter-nos dado possibilidade de o realizarmos quase na íntegra. Desejávamos dar abrigo aos Pobres e... entregamos-lhes quatro casas. Pretendíamos concluir o Casal Agrícola e, pouco falta. Precisávamos dum Lar em Lisboa e, lá está ele em plena actividade. Queríamos deitar mão à igreja e, lá anda em movimento. Isto em obras.

Na recuperação dos rapazes, só Deus sabe até onde as pedras da rua se tornaram em filhos de Abraão. No reino das almas como nos da Natureza não há saltos, nem conquistas bruscas. A educação dum homem é obra de toda a sua vida.

Naquilo porém, em que os números podem dizer de aproveitamento, aqui fica um índice

Casou-se um dos fundadores, desta casa. Foi o primeiro. Na sala de família do seu lar, colocou um crucifixo e um retrato do Pai Américo. É um lar cristão. Com os olhos no Mestre e nos daquele que o tirou da rua, esperamos que não volte à rua.

Outro fundador foi este ano para Luanda. Está na Casa Americana. Temos boas notícias. Para o Lar de Lisboa transitaram seis. Todos têm trabalho.

Dos outros que fizeram exame, estão três na oficina de carpinteiro, dois na de serralheiro, dois no campo, um na cozinha, outro com os pedreiros. Todos trabalharam pelo seu fu ur. Dois regressaram à família; tememos a sua perda.

Temos, na escola, doze finalistas, que, em Julho, irão tornar pequeno o novo Lar.

Alguns maiorzitos já bastam a muitos dos companheiros na barbearia e sapataria. Os outros que, como estes, se puzeram a lotação de 115, estão a crescer e a seu tempo hão-de aparecer.

Na alimentação, vestuário, remédios, deslocações, calçado, mobiliário destes rapazes etc., gastamos 335 contos o que dá uma média de 8 escudos diários por cada um. Só de quem estudando a governar uma casa em que tudo lhe passa pelas mãos e quem sabe o preço das batatas, do açúcar, do bacalhau, dum par de sapatos, dum feto, dum grama de estreptomomicina, etc. etc, poderá avaliar quanto isto representa de equilíbrio económico.

Não tememos o confronto com obras de assistência particulares, muito menos com as oficiais, pondo mesmo de parte o aproveitamento social.

Que o país nos julgue.

Nas reparações e nas novas construções gastamos 320 contos, incluindo as quatro casas do Património dos Pobres que ficaram em 88 contos. Sobre estes números de pronunciar-se os Engenheiros da Urbanização. Cã os esperamos.

Foram portanto 659 os contos despendidos, que nos passaram pelas mãos sem deles reservarmos pessoalmente um tostão sequer.

Para cobrir estas despesas, veio em nosso auxílio o Socorro Social, por forma dum contracto bilateral, em que estamos a perder, e agora, ao que parece, unilateralmente rescindido, com a verba de 86.400\$00 suor de todos os da Ca-

sa, na quinta, resultou em 32 contos transformados em pão; o Galato, apregoado nas ruas de Lisboa, contribuiu com 60 contos e os ofertórios dentro das igrejas, trouxeram-nos 82 contos. Os restantes quatrocentos contos nem nós sabemos onde vieram. Alguns foram espontaneamente depositados no banco, no Montepio, outros vieram em cartas e em vales do correio, todos de mãos anónimas que se esconderam para dobrar o valor da oferta e centuplicar os juros prometidos para a vida eterna.

Finalmente, aqui ficam os nossos planos para o ano corrente. Eles hão-de realizar-se se estiverem dentro dos da Providência. Queríamos construir mais seis casas do Património: (temos já duas na mão); queríamos concluir a restauração da casa de Deus, a missa nova, como diz o Zeca. Já todos aqui têm casa menos Ele... Queríamos, por último, pedir aos Monumentos Nacionais que acabassem com a estrutura pública a que está reduzido o velho palácio do Deão. Vamos a ver!

PADRE ADRIANO

HERANÇAS

Deve estar ainda quente, no seio dos leitores, aquela doce impressão das incríveis somas recebidas por ocasião do Natal; deve estar ainda. Nós publicamos. Não escondemos. Pois bem. Naufragados em tamanha fatura, tivemos, ainda, naquela temporada, duas cartas amigas, aonde se dava notícia de duas grandes heranças e se perguntava qual o nome a figurar no testamento. Como estas, mais outras na roda do ano. De acordo. Aonde não há sucessão, tem de haver um herdeiro, mas nós não. Nós não podemos ser chamados. Não falta quem.

Uma das heranças oferecidas, pelo seu volume, causaria a ruína da nossa casa! Aonde o fu ur? Eu digo:

Ontem fui ao Porto mais o Abel. Descemos a rua das Flores, a caminho do Infante. Ao fim, perto do Largo de São Domingos, era uma rapariga sentada no degrau de um portal, cara doente e mão estendida. Passamos. No regresso fizemos o mesmo caminho, agora pelo lado oposto. Reparei. Ela estava. Tão perturbada, tão aflita, tão sózinha, que não tive mão em mim e aproximei-me. O sangue golfava. O que eu vi! O que eu escutei! Em frente é a Misericórdia; mesmo em frente. Não houve uma ambulância. Não houve um médico. Ninguém se afligiu. Não há ali irmãos; são funcionários.

Ele é verdade que dentro, na galeria dos benfeitores, há centenas deles pintados a óleo. Estão ali as maiores fortunas. A maior nobreza. A recta intenção. A piedade. É meio Portugal, — e nada! Porquê? Por causa da Secretaria.

Ora nós podemos fugir a ela e não há outro caminho senão fugir às heranças. Quem tiver ouvidos de ouvir que ouça.

NOTA DA QUINZENA

O rapaz tinha chegado e depois de limpo e vestido, veio à minha presença. Pouco falamos. Eu ia sair. No meu regresso, perco-o da vista e da ideia. Esqueci-me totalmente. Eles são muitos e os meus anos também. Mas naquele dia subo ao hospital. Ver quem estava e ele era ali. O mesmo mundo de formosura que antes me tinha falado. Muito vivo. As perguntas respondem com clareza e vai muito além com equilíbrio e raciocínio e sequência. Ainda está ferido dos maus tratos dos caminhos. Mostra sinais de quem não tem comido o que precisa. Dormia nos barracos para usar a sua própria informação.

Ali no hospital, como eu tivesse tempo e ele também, entramos no assunto familiar. Sim. Tem mãe e disse-me onde mora e o que faz. Quando lhe pergunto pelo pai, o pequeno muda de aspecto, põe os olhos no chão e não me responde. Faz-se silêncio. Torno a perguntar. Sem retirar os olhos da posição em que era, o rapaz, azedo e decisivo, responde-me que ele é pai de fora. Pai de fora foi o que ele disse que de fora é a primeira variante que eu encontro de pai incógnito. Eu nunca na minha vida ouvi frase mais rica de expressão e mais desgraçada de sentido; Pai de fora! E foi um pequenino dos caminhos que me ensinou. Oxalá ele ensinasse também os mestres da lei, os mestres de moral e os mestres de sociologia.

Deliberei ir por mim ver se era verdade. Tomamos o nosso Morris; Avelino guia. O perdido não se senta. De pé, tem a cara perto da minha cabeça e uma vez entrados nas terras por onde ele mendigava, não houve palmo nem edificio, nem pessoa, nem regato, nem capela, nem nada; ele sabia tudo de tudo! Chegamos ao lugar. Entramos no casebre. A mãe tinha ido à lenha. Tornou comigo. É meu.

Do primeiro Congresso Nacional da Criança, em Lisboa, ouvi falar a um mestre nos direitos que ela tem. Noutros lugares e a outros mestres, é frequente ouvir falar nos direitos da criança. Que ela tem o direito de conhecer o seu pai, é um dos artigos. E mais. E mais. Ora estes direitos implicam necessária e automática-mente um dever, que atinge em primeiro lugar as pessoas que os proclamam. Se a criança tem direitos quem lhos outorga? Na minha ignorância das coisas, parece-me que, no caso de pais de fora, há o propósito de esconder o crime para evitar escândalos, ao que a lei diz que sim. São as Rodas. Estamos no tempo das Rodas. Não se põe o nado à porta, mas esconde-se o nome do pai. Fala-se aqui e além, mas ninguém sabe. Só no caso de grandes fortunas é que sim. Ora vale a pena juntarem-se jurisperitos e moralistas e sociólogos e perguntarem entre si o que é que vale mais; se o bom nome de culpados ou a vida do Inocente. Ele é pai de fora.

O Congresso da Criança teve lugar em Novembro. Coube à minha pessoa falar de dolorosas e amarguradas experiências. Quando as coisas saem do coração, é muito difícil que venham a cair em sacro roto. Essas palavras atingem. Ferem. Produzem. O que ali foi dito naquele sábado de manhã, não sei como nem quando nem por

quem, mas sei sim, que elas, as afirmações, estão para ser um ponto de partida a estudos de interesses soberanos da Nação. A chamada delinquência infantil, há-de vir com um outro sentido; os tribunais de Menores, com outra missão. Tudo diferente no Futuro Estatuto Social. Menos quem apedreje e mais quem compreenda.

Para que multiplicar obras de assistência ao Abandonado? Chame-se por ele.

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

Para completar a lista de donativos do passado número, e que ficaram para trás, em virtude da falta de espaço aqui vai mais uma anónima de Vila Nova de Fozcoã com 50\$00. O assinante 4809 de Setúbal com 50\$00 Mais 25\$00 do Porto. Agora vão mais 10\$00 para a Conferência de S. Vicente para dar a um pobre e para o canceroso ou tuberculoso; da assinante 527. Da capital 10\$00. Anta] Alves 30\$00 Da Invicta 20\$00 Régua com 14\$00. Porto mandou mais 7\$00. E mais 5\$00. E também 50\$00. Agora 100\$00. António Pinho de Aveiro 100\$00. De Coimbra uma senhora com 50\$00. Torres Novas mais 50\$00. De Caldas da Rainha outro tanto. A assinante 9335 idem. Olinda Grego trinta escudos. Maria H. Crespiano com igual quantia. Da Senhora da Hora 20\$00 Um anónimo também com 20\$00. E por fim Norberto Fernandes d'Oliveira da cidade do Porto com quatrocentos escudos E mais nada.

Júlio Mendes

A Venda do Jornal

Está última venda correu excelente. Quase sempre a gente vende bem. Oxalá que assim continue sempre. E eu também continuo a pedir aos meus amigos leitores para que sempre o ambicionem, pois ele é um bom instrumento, principalmente para certas crianças, que não têm muito que fazer. É um jornal cheio de moral.

E até muitos dos vendedores receberam alguns prendas, as censoadas. Muitos dos nossos fregueses resolveram dar-nos prendas. Nós desde já agradecemos muito a todos aqueles que fizeram o favor de nos contemplar. Entramos num novo ano de 1953. Espero que todos saibamos entrar nele com vontade de trabalhar. Para que assim mereçamos a paga mais tarde. A todos eu desejo muitas felicidades e votos de uma vida alegre, satisfeita, pura, conscienciosa. Um novo ano de haver vontade de ajudar as nossas obras do Património dos Pobres. Quantos têm tanto que dar e não são capazes de ajudar nada esses barredos, dar nem que seja uma pequena esmola a certos pobres mais necessitados, que não tiveram a sorte de serem felizes. Pratiquemos a caridade! Pois é uma das grandes virtudes que Deus Nosso Senhor revelou. Se a gente agora não faz boas obras, também quando morreremos, não encontramos no céu um bom lugar! Note-se nisto. Tudo isto é o que eu desejo neste ano corrente de 1953. Os anos passam. Cada mês tem uma temperatura. Isto veio tudo o propósito deste novo ano! Espero que todos o saibam aproveitar! Valeu?

Quanto à venda tem corrido bem. Apesar de terem entrado alguns de novo, têm-se portado bem. Oxalá que eles continuem a vender bem. Note-se que são mais dois rapazes que querem trabalhar, para bem da nossa obra. Todos os amigos leitores, conheçam talvez o nosso pequeno esforço, de passarmos um dia inteiro correndo os cafés, entrando em lojas, entrando nos eléctricos. Na verdade é um trabalho árduo, difícil. É por isso que os senhores gostam de nós.

MANUEL HENRIQUE